

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A República em romaria: quando ouvir o país substitui reformá-lo

Publicado em 2026-04-07 20:03:25



BOX DE FACTOS

- António José Seguro iniciou uma agenda de presidência aberta nas zonas afectadas pelo mau tempo e passou por localidades como Pedrógão Pequeno e Tomar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

da região centro.

- Montenegro elogiou publicamente as intervenções de Seguro, classificando-as como “um impulso construtivo”.
- O Presidente afirmou querer “ajudar a encontrar soluções” e não “arranjar problemas”.
- A grande questão política não é a escuta do interior, mas a substituição da reforma efectiva por uma coreografia permanente de proximidade.

A República em romaria: quando ouvir o país substitui reformá-lo

Portugal conhece já de cor os seus males. O drama nacional não está na falta de diagnósticos. Está no excesso de visitas, de afecto itinerante e de liturgia

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O Presidente da República, António José Seguro, lançou aquilo a que chama uma presidência aberta. Em si mesma, a ideia parece irrepreensível: sair de Belém, percorrer o território, ouvir populações, ver de perto os estragos, escutar queixas, recolher sinais, humanizar a magistratura presidencial. Em teoria, nada mais sensato. Em Portugal, porém, até o sensato corre sempre o risco de degenerar em teatro cívico. E é precisamente esse risco que começa a desenhar-se quando a proximidade institucional passa a valer por substituto da transformação real.

Hoje, em Tomar, Seguro encontrou-se com o primeiro-ministro, Luís Montenegro, numa cerimónia ligada à reconstrução da região centro, no contexto desta agenda presidencial aberta. Montenegro elogiou as intervenções do Presidente como “um impulso construtivo”, enquanto Seguro insistiu na ideia de que está ali para “ajudar a encontrar soluções” e não para “arranjar problemas”. Tudo isto é politicamente polido, institucionalmente correcto e mediaticamente aceitável. O problema é que Portugal já não precisa apenas de correção institucional. Precisa de ruptura reformista. E, sobretudo, precisa dela antes que a própria República se transforme num museu de gestos bem intencionados. ^o

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O interior português não é um continente perdido à espera de ser revelado por caravanas presidenciais. Os seus problemas estão mapeados há décadas, cartografados por estudos, relatórios, programas, fundos europeus, estratégias de coesão e promessas eleitorais. Falta população, faltam médicos, faltam serviços, falta mobilidade, falta investimento produtivo, faltam incentivos consistentes, falta justiça territorial e sobra abandono administrativo. Não estamos perante um défice de conhecimento. Estamos perante um défice de vontade, de coragem e de continuidade.

É por isso que uma presidência aberta pode ser útil como gesto simbólico, mas pode também tornar-se perigosamente redundante. Quando um país conhece os seus problemas de cor e salteado, a insistência em “ir ouvir” corre o risco de soar a encenação de descoberta. Como se a nação tivesse de ser permanentemente rerepresentada a si própria. Como se a dor do abandono precisasse sempre de mais testemunhas, mas nunca de cirurgias.

O risco de um novo presidencialismo afectivo

Aqui começa a sombra de Marcelo. Não se trata de dizer que Seguro é já uma repetição do antecessor. Ainda é cedo para esse veredicto. Seguro tomou posse em Março de 2026 e tem

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

portuguesa de onnipresença simpática em que a política se dissolve em contacto humano sem densidade transformadora.

Marcelo fez da proximidade um espectáculo nacional de ubiquidade emocional. Seguro parece mais contido, mais seco, mais disciplinado na forma. Mas o molde institucional pode ser o mesmo, apenas com menos exuberância e menos espuma mediática. Um Marcelo circunscrito continua, ainda assim, a poder ser um Marcelo funcional: menos selfies, talvez; o mesmo risco de substituir a arquitectura do país por uma circulação de empatia.

A doença portuguesa: confundir presença com obra

A República portuguesa sofre há muito desta doença: confunde presença com obra, escuta com decisão, gesto com reforma, agenda com estratégia. Percorre-se o território como quem cumpre um ritual de absolvição democrática. O poder aparece, ouve, anui, lamenta, promete encaminhar, acena com articulação institucional e segue viagem. Fica a fotografia, fica a frase branda, fica a ideia de que alguém esteve ali. O país, porém, continua a definhar onde sempre definhou.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

entre órgãos de soberania, discursos de união nacional, apelos à celeridade, anúncios de prioridades. E, no entanto, o essencial permanece adiado. O Estado administra a decadência com uma serenidade burocrática que faria corar de inveja um coveiro zen.

Portugal já não precisa de ser consolado.

Precisa de ser reformado.

Conhecer os problemas do interior é importante. Sem dúvida. Mas nesta fase da nossa história, isso já não chega nem pode servir de álibi. O país urge é fazer reformas: reformar a administração pública, simplificar o investimento, reconfigurar a justiça territorial, criar um verdadeiro pacto de serviços essenciais para zonas de baixa densidade, reorganizar o sistema de saúde fora dos grandes centros, fixar actividade económica, reduzir custos de contexto, tornar o Estado menos lento, menos opaco e menos ornamental.

Em suma: Portugal já não precisa que o poder o percorra como quem visita um parente doente ao domingo. Precisa que o poder deixe de ser o parente e assuma finalmente o papel de médico. Porque um país não se salva à base de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

económica. É dramática.

Talvez a expressão mais exacta para o que vivemos seja esta: a República portuguesa entrou numa fase dramática. Representa-se a democracia em permanência. Fazem-se itinerários, jornadas, diálogos, consultas, encontros, sessões abertas, presidências abertas, governos próximos, estados atentos, escutas activas, protocolos colaborativos. Tudo parece mover-se. Nada se transforma com a escala e a velocidade necessárias.

É este o cansaço nacional que tanta gente sente sem o formular: a sensação de que o país vive numa peça institucional em que os actores mudam de figurino, mas o enredo permanece o mesmo. Um Presidente percorre localidades. Um primeiro-ministro junta-se-lhe. Ambos sublinham o esforço, a cooperação, a necessidade de responder. O interior aplaude, protesta, entrega preocupações, ouve palavras de compromisso. Depois a comitiva avança. E Portugal continua, majestaticamente, por reformar.

Epílogo

António José Seguro ainda vai a tempo de não ser apenas mais uma variante educada do presidencialismo de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

para confirmar que ouviu. Mas o risco está lançado: se a presidência aberta se limitar a distribuir beijinhos de terra em terra, mesmo que com mais contenção e menos folclore, então não estaremos perante uma renovação da República. Estaremos perante mais do mesmo, com dicção mais baixa.

E um país em declínio não precisa de liturgias afectivas. Precisa de reformas antes que faleça.

Ficha Editorial

Título: A República em romaria: quando ouvir o país substitui reformá-lo

Subtítulo: Seguro, Tomar e o risco de uma Presidência feita de presença simbólica num país que já não precisa de diagnósticos, mas de reformas.

Autor: Francisco Gonçalves

Co-autoria editorial: Augustus Veritas

Publicação: Fragmentos do Caos

Secção: Política / República / Democracia

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Formato: FC-Chronic-News

Resumo editorial: Esta crónica sustenta que a nova agenda de presidências abertas de António José Seguro corre o risco de repetir um dos vícios mais profundos da democracia portuguesa: substituir reforma estrutural por presença simbólica. A visita a Tomar, com Luís Montenegro, surge assim como imagem de uma República que continua a percorrer os seus problemas sem os resolver.

Palavras-chave: António José Seguro, Tomar, presidências abertas, Marcelo Rebelo de Sousa, Luís Montenegro, interior, República, democracia, reformas, Portugal

Nota editorial: O presente texto não desvaloriza a importância do contacto presidencial com o território. Questiona, isso sim, a cultura política portuguesa que transforma proximidade institucional em sucedâneo de coragem reformista.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

semanas”, 7 de Abril de 2026.

<https://www.dn.pt/pol%C3%ADtica/montenegro-elogia-interven-es-de-seguro-e-espera-ter-desenho-final-do-ptrr-nas-prximas-semanas>

2. **Lusa** — “Presidente da República diz que quer ‘ajudar a encontrar soluções’ e não ‘arranjar problemas’”, 7 de Abril de 2026.

<https://www.lusa.pt/>

3. **Diário de Notícias** — “Seguro apela aos portugueses que façam férias nas bonitas paisagens do interior”, 6 de Abril de 2026.

<https://www.dn.pt/pol%C3%ADtica/seguro-apela-aos-portugueses-que-faam-frias-nas-bonitas-paisagens-do-interior>

Frase-lâmina: Quando a política troca a reforma pelo afecto itinerante, a democracia transforma-se numa caravana de boas intenções a caminho da irrelevância.

Assinatura: Francisco Gonçalves — com co-autoria editorial de Augustus Veritas, para o **Fragmentos do Caos**.



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)